

MERCADO DE TRABALHO

Desempenho do PIB em 2024 - quarto trimestre e acumulado no ano

Sumário

O produto interno bruto (PIB), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrou crescimento de 0,2% no quarto trimestre de 2024 em relação ao trimestre imediatamente anterior, considerando a série dessazonalizada. Na comparação com o mesmo período de 2023, a economia expandiu 3,6%, resultando em um crescimento acumulado de 3,4% no ano. Esses resultados vieram em linha com as previsões apresentadas na *Nota de Conjuntura* nº 65,¹ publicada em dezembro de 2024 pela Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea, que projetava altas de 0,3% na margem, de 3,8% na comparação interanual e de 3,5% para o acumulado do ano em 2024.

O desempenho da economia no quarto trimestre reflete a desaceleração da atividade econômica ocorrida ao longo dos últimos três meses do ano, influenciada basicamente pelo ciclo de aperto da política monetária iniciado em setembro e pelas altas concomitantes do dólar e da inflação. Em tal contexto, era mesmo de se esperar – já em dezembro último – uma moderação no ritmo de crescimento, conforme antecipamos em nosso cenário.

Registre-se, entretanto, que o desempenho do consumo das famílias – que recuou 1,0% na margem – nos surpreendeu um pouco, dado o crescimento (de pouco mais de 2,0%) na margem da massa salarial da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) ampliada por transferências públicas de assistência e previdência. É fato que o consumo das famílias parece ser direta e negativamente afetado tanto pelo aumento dos juros quanto por desvalorizações cambiais, e deveria, portanto, desacelerar, mas não a ponto – nos nossos modelos – de cair 1,0%. A desaceleração do investimento ocorreu de modo mais natural, novamente à luz dos nossos modelos, com o ritmo de crescimento da formação bruta de capital fixo (FBCF) desacelerando de 2,3% para 0,4% entre o terceiro e quarto trimestres, afetado pelo impacto conjunto da depreciação cambial e juros reais elevados. Além disso, com as quedas verificadas tanto no consumo das famílias quanto na FBCF era de se esperar que as importações se reduzissem consideravelmente – mesmo levando em conta a depreciação cambial – de modo que a pequena queda de -0,1% na margem não chega a surpreender. Como as exportações também caíram – 1,3% na margem – o destaque positivo do PIB pelo lado da demanda foi o crescimento de 0,8% do consumo do governo, impulsionado, como também apontado na última *Nota de Conjuntura* nº 65, pelos impactos dos aumentos da arrecadação federal e estadual sobre os gastos dos entes subnacionais.

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea)

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Claudio Hamilton Matos dos Santos

Coordenador de Acompanhamento e Estudos da Conjuntura na Dimac/Ipea

claudio.hamilton@ipea.gov.br

Divulgado em 11 de março de 2025.

1. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/12/241218_cc_65_nota_24_visao_geral_da_conjuntura.pdf

Pela ótica da produção, a perda de fôlego no quarto trimestre atingiu de forma bastante disseminada o setor serviços, que registrou pequeno avanço de 0,1%. Enquanto a agropecuária recuou pelo terceiro trimestre consecutivo (-2,5%), o setor industrial foi o destaque positivo. O desempenho do PIB no quarto trimestre do ano passado deixa um carregamento estatístico (*carry-over*) de 0,8% para 2025, ou seja, caso os próximos quatro trimestres apresentem crescimento nulo, o resultado acumulado ao final do ano seria de 0,8%.

Já no acumulado do ano, o crescimento de 3,4% do PIB em 2024 teve como pano de fundo principalmente uma pujante demanda doméstica, sustentada pelo dinamismo do mercado de trabalho, pelas transferências de renda por parte do governo às famílias e pelas despesas dos entes subnacionais. Neste contexto, tanto o rendimento médio real quanto a população ocupada registraram altas ao longo do ano, o que, somado à melhora do mercado de crédito, impulsionou o mercado de bens e serviços e estimulou a demanda por investimentos.

Refletindo este aumento da demanda interna, o crescimento das atividades produtivas em 2024 foi puxado em grande medida pelo setor serviços e pela indústria, que registraram desempenhos positivos ao longo do ano. Em contrapartida, a agropecuária apresentou contribuição negativa, o que em parte é explicado pela ocorrência de eventos climáticos negativos e pelo elevado nível de produção ocorrido em 2023, elevando a base de comparação. O setor extrativo, por sua vez, também teve um desempenho modesto, reforçando a ideia de que, em 2024, o crescimento foi impulsionado predominantemente pelos componentes mais cíclicos da economia, diferente do que aconteceu no ano anterior, marcado por choques de oferta positivos.

Dito isto, mesmo com algum ajustamento de estoques ao longo do ano, e com um nível elevado de utilização dos fatores de produção, uma parcela significativa da demanda interna precisou ser suprida pelo aumento das importações, resultando em uma contribuição líquida negativa do setor externo para o crescimento do PIB. Em contrapartida, a composição do PIB em 2024 revelou uma expressiva participação de componentes tributáveis. O forte crescimento da absorção doméstica no ano (5,3%) teve um impacto positivo na arrecadação de impostos, que encerrou 2024 com alta de 5,5%.

Os resultados confirmam a tendência de moderação da economia nos últimos meses do ano, ao mesmo tempo que evidenciam a importância da demanda doméstica para o desempenho econômico de 2024. O comportamento do mercado de trabalho, do crédito e dos níveis de preços seguirá sendo um fator-chave para a sustentação do crescimento em 2025, assim como a evolução da política monetária e do cenário externo.

1 PIB

Segundo divulgação do IBGE, o PIB registrou crescimento de 0,2% no quarto trimestre de 2024 em relação ao trimestre imediatamente anterior, considerando a série dessazonalizada. Na comparação com o mesmo período de 2023, a economia expandiu 3,6% (gráfico 1), registrando um crescimento acumulado de 3,4% no ano, o maior desde 2021. Em valores correntes, o PIB totalizou R\$ 11,7 trilhões em 2024, sendo R\$ 10,1 trilhões referentes ao valor adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 1,6 trilhão, aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Com isso, o PIB *per capita* alcançou R\$ 55.247,45, com incremento real de 3,0% ante 2023.

O desempenho da economia no quarto trimestre reflete a desaceleração da atividade econômica verificada ao longo dos últimos três meses do ano, influenciada basicamente pelo ciclo de aperto da política monetária iniciado em setembro e pelas altas concomitantes do dólar e da inflação. Com o resultado do quarto trimestre, o *carry-over* para 2024 ficou em 0,8% – ou seja, caso permaneça estagnado ao longo dos quatro trimestres de 2025, o PIB fechará o ano crescendo a esta última taxa.²

2. O *carry-over*, ou carregamento estatístico, foi calculado da seguinte maneira: supõe-se que a série dessazonalizada terá crescimento nulo na margem ao longo dos quatro trimestres de 2024, mantendo-se, assim, no mesmo nível do quarto trimestre de 2023. Em seguida, são aplicados os fatores sazonais referentes aos mesmos trimestres de 2023. Por fim, a variação anual é calculada a partir da série encadeada, sem ajuste sazonal.

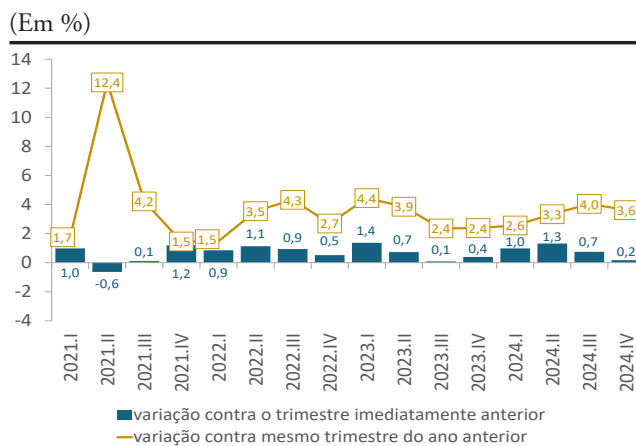
Já no acumulado do ano, o crescimento de 3,4% do PIB em 2024 teve como pano de fundo principalmente uma pujante demanda doméstica, sustentada pelo dinamismo do mercado de trabalho, pelas transferências de renda por parte do governo às famílias e pelos gastos dos governos subnacionais. Neste contexto, tanto o rendimento médio real quanto a população ocupada registraram altas ao longo do ano, o que, somado à melhora do mercado de crédito, impulsionou o mercado de bens e serviços e estimulou a demanda por investimentos. Mesmo recuando no quarto trimestre, com queda de 1,0% na margem, o consumo das famílias foi quem mais contribuiu para o crescimento do PIB em 2024, adicionando 3,0 pontos percentuais (p.p.) à variação acumulada no ano. Já a FBCF também apresentou acomodação nos três últimos meses do ano, desacelerando seu ritmo de crescimento de 2,3% para 0,4% na passagem entre o terceiro e quarto trimestres, na série sem efeitos sazonais. Juntamente com o componente da variação de estoques, foi responsável por adicionar 1,8% ao crescimento do PIB em 2024.

Refletindo o aumento da demanda interna, o crescimento das atividades produtivas em 2024 foi impulsionado principalmente pelos setores de serviços e indústria, que registraram desempenhos positivos ao longo do ano. Entre as suas atividades, destaca-se o papel dos segmentos outros serviços, indústria de transformação e comércio, que, juntos, responderam por quase 50% da expansão do PIB em 2024. Apesar da desaceleração disseminada no quarto trimestre, o setor de serviços cresceu 3,7% no ano, adicionando 2,2 p.p. ao PIB, enquanto a indústria, com um avanço de 3,3%, contribuiu com 0,7 p.p. para o resultado anual. Em contrapartida, a agropecuária teve contribuição negativa, reflexo tanto de eventos climáticos adversos quanto do alto nível de produção registrado em 2023, que elevou a base de comparação. O setor extrativo, por sua vez, apresentou um desempenho modesto, reforçando a ideia de que, em 2024, o crescimento foi impulsionado predominantemente pelos componentes mais cíclicos da economia, diferentemente do ocorrido no ano anterior.

Dito isso, mesmo com algum ajustamento de estoques ao longo do ano, e com um nível elevado de utilização dos fatores de produção, uma parcela significativa da demanda interna precisou ser suprida pelo aumento das importações, resultando em uma contribuição líquida negativa do setor externo para o crescimento do PIB. Em compensação, a composição do PIB em 2024 revelou uma expressiva participação de componentes tributáveis. O forte crescimento da absorção doméstica no ano (5,3%) teve um impacto positivo na arrecadação de impostos, que encerrou 2024 com alta de 5,5% (gráfico 2).

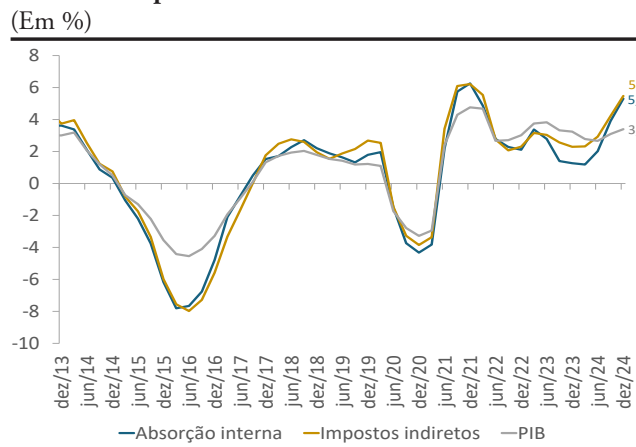
Os resultados confirmam a tendência de moderação da economia nos últimos meses do ano, ao mesmo tempo em que evidenciam a importância da demanda domésti-

GRÁFICO 1
PIB: evolução das taxas de crescimento trimestral e dessazonalizado



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
PIB e componentes: evolução das taxas de crescimento acumuladas em quatro trimestres



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

ca para o desempenho econômico de 2024. O comportamento do mercado de trabalho, do crédito e dos níveis de preços seguirá sendo um fator-chave para a sustentação do crescimento em 2025, assim como a evolução da política monetária e do cenário externo.

2 Ótica da produção

A análise dos setores produtivos evidencia o papel determinante da indústria e dos serviços como motores do crescimento econômico em 2024, contrastando com o desempenho desfavorável da agropecuária ao longo do ano. A indústria alcançou uma expansão acumulada de 3,3%, impulsionada por uma recuperação do setor manufatureiro e pelo bom desempenho da construção civil, enquanto os serviços, com alta de 3,7%, foram sustentados pelo vigor do comércio varejista e de outras atividades também sensíveis à renda, beneficiando-se de um mercado de trabalho ainda robusto. O quarto trimestre, todavia, registrou uma desaceleração marcante em relação ao ritmo observado nos períodos anteriores, especialmente na agropecuária e nos serviços (tabela 1).

TABELA 1
PIB e setores produtivos: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/Igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	1T24	2T24	3T24	4T24	1T24	2T24	3T24	4T24	No ano	Em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	1,0	1,3	0,7	0,2	2,6	3,3	4,0	3,6	3,4	3,4
Impostos sobre produtos	3,0	1,5	1,1	0,1	3,8	5,5	6,4	6,1	5,5	5,5
Valor adicionado a preços básicos	0,8	1,4	0,7	0,0	2,4	3,0	3,7	3,3	3,1	3,1
Agropecuária	5,8	-2,3	-1,1	-2,3	-5,5	-3,3	-0,8	-1,5	-3,2	-3,2
Indústria	0,5	0,7	1,0	0,3	3,0	4,0	3,6	2,5	3,3	3,3
Extrativa	0,6	-4,4	-0,6	0,7	6,1	1,3	-1,0	-3,6	0,5	0,5
Indústria de transformação	1,2	2,1	1,3	0,8	1,5	3,7	4,2	5,3	3,8	3,8
Eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	-3,8	2,2	-0,8	-1,2	6,3	8,3	3,7	-3,5	3,6	3,6
Construção	0,5	3,1	-1,1	2,5	2,1	4,4	5,7	5,1	4,3	4,3
Serviços	0,9	1,6	0,7	0,1	3,5	3,6	4,1	3,4	3,7	3,7
Comércio	2,6	1,5	0,4	0,3	2,8	3,8	3,9	4,7	3,8	3,8
Transporte, armazenagem e correio	1,7	1,3	0,6	0,4	0,4	0,8	2,5	3,9	1,9	1,9
Informação e comunicação	2,9	1,7	2,0	-0,4	5,0	5,7	7,8	6,2	6,2	6,2
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	-1,1	2,3	1,3	-0,3	3,0	4,7	5,1	2,0	3,7	3,7
Atividades imobiliárias	1,1	0,9	0,9	0,1	4,0	3,8	3,1	2,6	3,3	3,3
Outras atividades de serviços	1,3	1,6	1,4	-0,1	5,4	5,1	6,4	4,5	5,3	5,3
Adm., defesa, saúde e educação públicas e seguridade social	0,8	0,3	0,4	0,0	2,5	1,5	1,7	1,7	1,8	1,8

Fonte: IBGE.

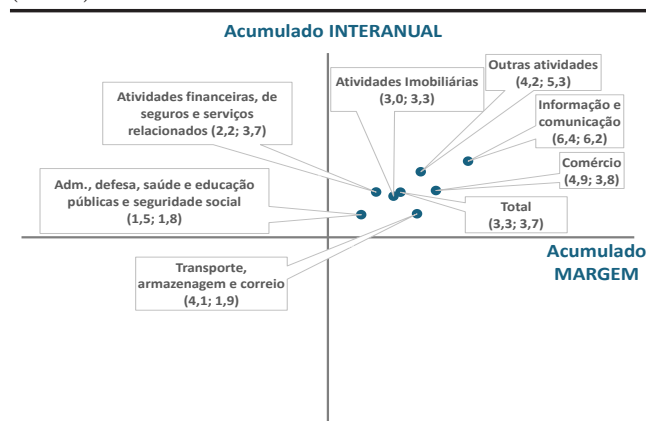
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O PIB da agropecuária registrou queda de 3,2% no acumulado do ano, com recuos de 2,3% no quarto trimestre ante o terceiro e de 1,5% em relação ao mesmo período de 2023. Este resultado ficou abaixo da nossa projeção, que era de -2,6% para o acumulado em 2024. Esse desempenho negativo contrasta com o crescimento excepcional de 16,3% em 2023, ano de safras históricas, e foi determinado por adversidades climáticas que comprometeram tanto a produção quanto a produtividade. Secas no Centro-Oeste e chuvas excessivas no Sul afetaram culturas como soja, cuja produção caiu 4,6%, e milho, com perdas estimadas em 12,5%, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE. Ainda de acordo com a pesquisa, algumas culturas, cujas safras possuem peso relevante no quarto trimestre, explicam a queda de 1,5%, a saber: laranja (-21,1%), fumo (-9,8%), trigo (-2,9%) e cana (-0,9%). Em contrapartida, a pecuária apresentou ganhos, com aumento na oferta de carne bovina e suína, impulsionado pela demanda interna e por exportações para mercados asiáticos. Ao fim do quarto trimestre, o *carry-over* para 2025 ficou em -3,3%.

O setor de serviços, principal motor da economia brasileira, manteve um crescimento positivo ao longo de 2024, encerrando o ano com alta de 3,7%. No quarto trimestre, todavia, o avanço foi mais moderado, com crescimento de apenas 0,1% em relação ao trimestre anterior. Na comparação com o mesmo trimestre de 2023, o setor cresceu 3,4%, evidenciando uma continuidade da expansão, ainda que em um cenário de acomodação em algumas atividades. Os resultados vieram em linha com as nossas projeções. Entre os seus componentes, a desaceleração no ritmo de crescimento verificada no último trimestre do ano ocorreu de forma bastante disseminada. Na comparação com ajuste sazonal, todos os seguimentos reduziram sua contribuição, com destaque negativo para os serviços de informação e comunicação e para as atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados, que registraram quedas de 0,4% e 0,3%, respectivamente. Outro segmento que mostrou desaceleração foi comércio, impactado pela desaceleração da renda real e pelo aumento do endividamento das famílias. Tomando por base a variação acumulada no ano, todos os componentes desse grupo registraram crescimento em 2024, seja na métrica interanual, seja na métrica dessazonalizada. Nesse caso, o destaque do ano foi a atividade de serviços de informação e comunicação, com altas acumuladas de 6,4% na margem e de 6,2% em termos anuais (gráfico 3). O resultado do quarto trimestre deixa um *carry-over* de 0,8% para o PIB de serviços em 2025.

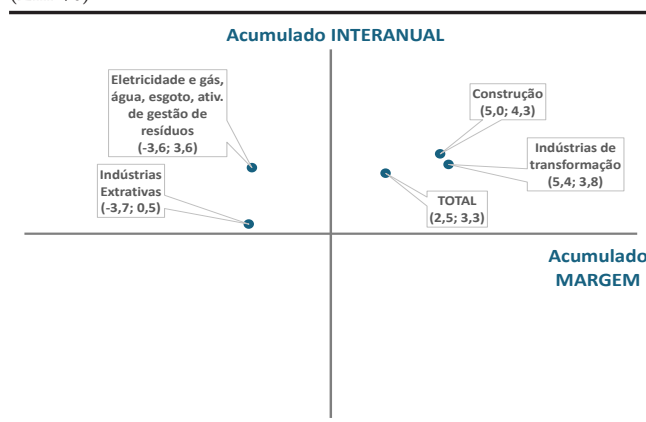
O PIB industrial encerrou 2024 com crescimento de 3,3%, demonstrando recuperação após dois anos de desempenho modesto. No quarto trimestre, no entanto, seu ritmo perdeu força, com a indústria avançando 0,3% em relação ao trimestre anterior. Na comparação com o mesmo trimestre de 2023, o setor cresceu 2,5%, mantendo-se em território positivo, mas com menor intensidade em relação aos trimestres anteriores. Os resultados vieram em linha com nossas estimações. Entre os componentes, a indústria de transformação foi um dos destaques, registrando alta de 3,8% em 2024. A retomada do setor reflete o bom desempenho da produção em segmentos como metalurgia, fabricação de veículos, máquinas e equipamentos e produtos químicos. Além disso, o crescimento do crédito direcionado e a demanda aquecida em algumas cadeias produtivas ajudaram a sustentar esse avanço. Outro destaque positivo foi a construção, com crescimento de 4,3%, impulsionada pelo mercado imobiliário aquecido e pela produção de insumos típicos do setor, como cimento e aço. Ao contrário das demais atividades, seu desempenho acelerou no último trimestre do ano, com alta de 2,5% na margem. Já o segmento de indústrias extrativas encerrou o ano com crescimento modesto de 0,5%, sucedendo expansão de 9,2% em 2023 (gráfico 4). O desempenho foi impactado por desafios operacionais e pela trajetória volátil dos preços das *commodities*, especialmente petróleo e minério de ferro. No quarto trimestre, a produção extrativa mineral teve leve recuperação, mas sem um impacto significativo para impulsionar o setor como um todo. Com o resultado do quarto trimestre, o *carry-over* do PIB industrial ficou em 0,9% para 2025.

GRÁFICO 3
PIB de serviços e componentes: taxas de crescimento acumuladas no ano
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: 1. A comparação acumulada na margem é calculada a partir das taxas trimestrais dessazonalizadas.

GRÁFICO 4
PIB da indústria e componentes: taxas de crescimento acumuladas no ano
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

BOX 1

Crescimento interanual e acumulado no ano: contribuições por setor pela ótica da produção

- O setor de serviços voltou a ser um dos destaques positivos, adicionando 2,2 p.p. ao crescimento do PIB, tanto na comparação interanual quanto no acumulado em 2024 (tabela 2).
- Já a indústria exerceu impactos mais modestos, contribuindo com 0,6 p.p. na base de comparação interanual e com 0,7 p.p. no ano.
- A agropecuária, por sua vez, apresentou contribuição negativa para o resultado do quarto trimestre (-0,1 p.p.). No ano, ela subtraiu 0,2 p.p. do PIB.
- Entre os setores produtivos desagregados, os destaques na contribuição para o crescimento do PIB em 2024 ficaram por conta dos segmentos outras atividade de serviços (22,9%), atividades de comércio (11,7%) e indústria de transformação (14,7%), que juntos foram responsáveis por quase 50% da expansão anual do PIB (gráfico 5).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2
PIB por setor: contribuição para a taxa real de crescimento interanual¹
 (Em p.p.)

	2023				2024			
	T1	T2	T3	T4	T1	T2	T3	T4
PIB²	1,0	1,3	0,7	0,2	2,6	3,3	4,0	3,6
Impostos sobre produtos	0,5	0,4	0,2	0,2	0,4	0,7	0,8	0,9
Agropecuária	1,5	1,3	0,6	0,0	-0,3	-0,2	0,0	-0,1
Indústria	0,4	0,2	0,3	0,8	0,6	0,8	0,8	0,6
Serviços	2,1	1,9	1,3	1,4	1,8	2,0	2,5	2,2

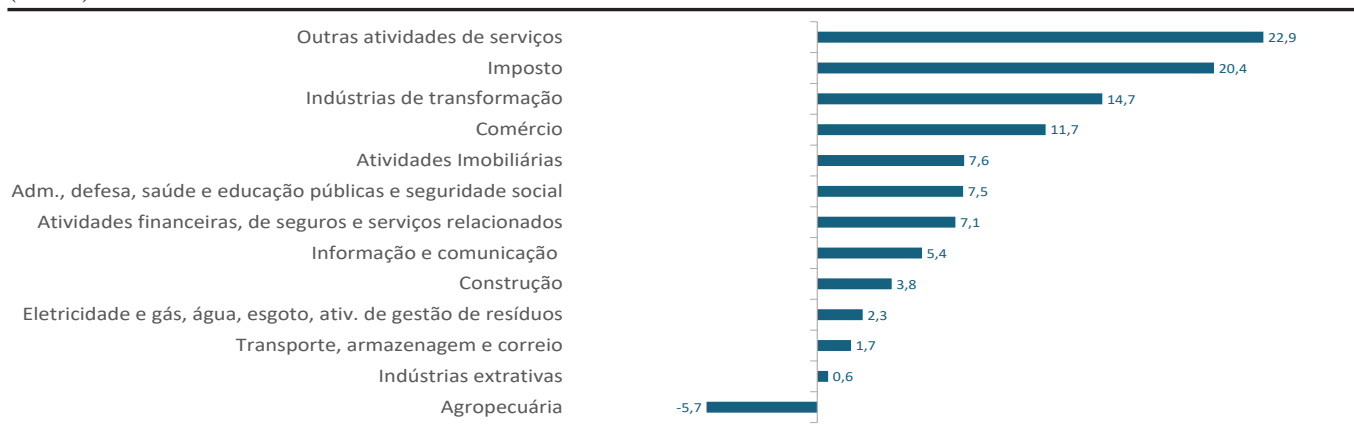
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Valores aproximados.

² Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

GRÁFICO 5
PIB: setores produtivos: contribuição para o crescimento acumuladas no ano
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Ótica da despesa

Sob a ótica da despesa, o quarto trimestre de 2024 revelou uma perda de fôlego no consumo das famílias e nos investimentos, que, apesar disso, foram os principais responsáveis pelo crescimento do PIB ao longo do ano. O consumo das famílias, com uma queda dessazonalizada de 1,0% em relação ao terceiro trimestre, ainda assim acumulou alta de 4,8% em 2024, sustentada por um mercado de trabalho dinâmico e por políticas sociais que ampliaram a renda disponível das famílias. Da mesma forma, os investimentos, medidos pela FBCF, cresceram apenas 0,4% no quarto trimestre ante o terceiro, mas fecharam o ano com avanço de 7,3%, resultado que sucedeu retração de 3,0% em 2023. Parte deste crescimento da demanda interna, que também contou com a contribuição do consumo do governo (1,9%), se traduziu em um maior volume de compras externas, resultando em um expressivo aumento das importações, que acumularam alta de 14,7% no ano, enquanto as exportações subiram em menor montante, com alta de 2,9% (tabela 3).

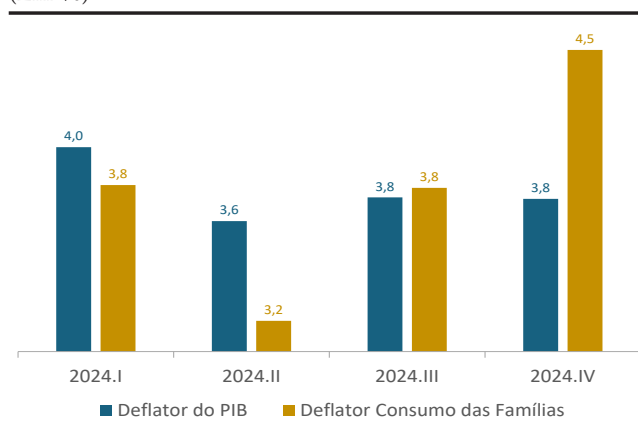
TABELA 3
PIB e componentes de demanda: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	1T24	2T24	3T24	4T24	1T24	2T24	3T24	4T24	No ano	Em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	1,0	1,3	0,7	0,2	2,6	3,3	4,0	3,6	3,4	3,4
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	2,1	2,3	0,9	0,6	3,0	5,1	6,7	6,4	5,3	5,3
Demanda interna final	2,3	0,9	1,2	-0,2	4,3	4,4	5,6	4,2	4,6	4,6
Consumo total	1,8	0,8	0,9	-0,3	4,6	4,2	4,5	3,1	4,1	4,1
Consumo das famílias	2,5	1,0	1,3	-1,0	4,7	5,1	5,5	3,7	4,8	4,8
Consumo do governo	0,1	-0,2	0,8	0,6	4,1	1,2	1,3	1,2	1,9	1,9
FBCF	4,4	2,3	2,3	0,4	3,0	5,7	10,8	9,4	7,3	7,3
Exportações de bens e serviços	-1,0	1,2	-0,7	-1,3	6,1	4,3	2,1	-0,7	2,9	2,9
Importações de bens e serviços	4,1	7,5	0,9	-0,1	10,0	14,7	17,7	16,0	14,7	14,7

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O consumo das famílias apresentou um crescimento acumulado de 4,8% em 2024, impulsionado por um mercado de trabalho aquecido e por políticas sociais, como o Bolsa Família, que ampliaram a renda disponível nas camadas mais pobres. Esse desempenho foi potencializado pela expansão do crédito ao consumo ao longo dos três primeiros trimestres do ano, favorecendo a compra de bens duráveis, como eletrodomésticos e veículos. No quarto trimestre, porém, houve uma acomodação, refletida numa variação dessazonalizada de -1,0%. Na comparação interanual, o consumo das famílias desacelerou de 5,5% para 3,7%. Embora já esperássemos uma redução no ímpeto do consumo, em virtude do início do ciclo de aumentos das taxas de juros e da aceleração da inflação, os resultados ficaram abaixo das nossas previsões. Neste contexto, cabe acrescentar que a evolução do deflator do consumo das famílias mostrou uma aceleração ao longo do ano, registrando um crescimento superior ao do deflator do PIB, indicando uma pressão inflacionária mais intensa sobre os bens e serviços consumidos pelas famílias (gráfico 6). O resultado do quarto trimestre deixa um *carry-over* de apenas 0,1% para 2025. Já o consumo do governo, que se elevou 1,2% em relação ao mesmo período do ano passado,

GRÁFICO 6
PIB – deflatores: evolução das taxas de variação acumuladas em quatro trimestres
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

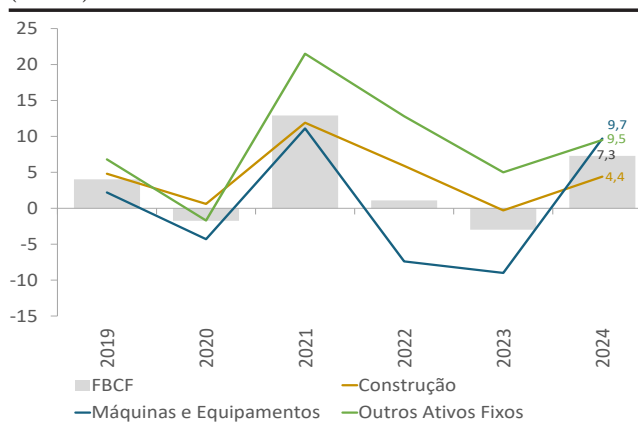
avançou 0,6% na comparação com ajuste sazonal, encerrando o ano com aumento de 1,9%. Os resultados vieram em linha com o previsto. Já o *carry-over* para 2025 ficou em 0,8%.

A FBCF manteve um desempenho positivo em 2024, encerrando o ano com crescimento de 7,3%, em contraste com a queda de 3,0% registrada em 2023. Apesar desse avanço expressivo no acumulado do ano, o quarto trimestre mostrou sinais de moderação, com expansão de apenas 0,4% na margem, o que reflete uma desaceleração no ritmo dos investimentos produtivos. Na comparação com o mesmo período de 2023, a alta foi de 9,4%. Os resultados vieram em linha com as nossas projeções. Os três componentes da FBCF apresentaram desempenhos positivos em 2024. O investimento em máquinas e equipamentos, principal componente da FBCF, cresceu 9,5% no ano, impulsionado pelo aumento da produção interna de bens de capital e pela expansão da importação de equipamentos. O segmento de construção, responsável pela maior participação nos investimentos fixos, registrou alta de 4,4% em 2024, favorecido pela continuidade de projetos imobiliários e de infraestrutura. Por fim, o componente de outros ativos fixos, que engloba investimentos em pesquisa, desenvolvimento e *software*, teve um crescimento de 9,7% no ano, refletindo a digitalização dos processos produtivos e o avanço de tecnologias voltadas para inovação empresarial (gráfico 7).

Com este resultado, a taxa de investimento da economia (FBCF/PIB em termos nominais) atingiu o patamar de 17,1% no quarto trimestre, o que representou alta de 1,2 p.p. em relação ao mesmo período de 2023. No acumulado do ano, este valor ficou em 17,0%, contra 16,4% em 2023. O resultado do quarto trimestre deixa um *carry-over* de 2,0% para 2025. A taxa de poupança bruta, por sua vez, subiu 0,4 p.p. na comparação interanual, passando de 11,1% para 11,5%. Dessa maneira, a poupança externa ficou positiva no quarto trimestre em 5,7% (gráfico 8). Com estes resultados, a taxa de poupança bruta caiu pelo terceiro ano consecutivo, encerrando 2024 em 14,5%, mesmo patamar de 2015.

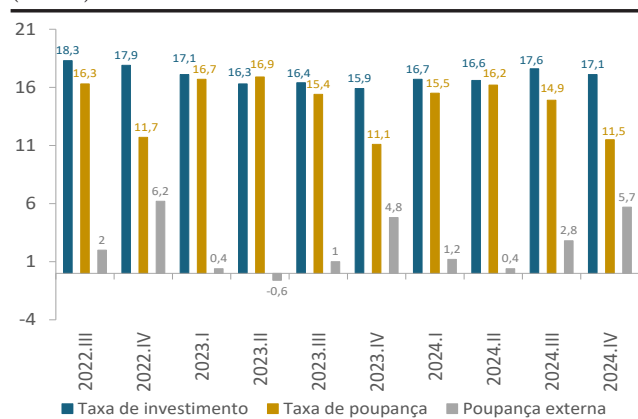
Por fim, as exportações registraram recuo de 1,3% na margem, segunda queda consecutiva. Na comparação interanual, o volume exportado recuou 0,7%, primeira leitura negativa desde o segundo trimestre de 2022. Os resultados vieram abaixo do que havíamos previsto – posto que o último trimestre foi marcado por crescimento do comércio mundial e desvalorização cambial. Por sua vez, as importações recuaram na margem (-0,1%), ainda assim com alta de 16,0% em termos interanuais. Os resultados ficaram em linha com as nossas previsões. Com isso, a absorção doméstica cresceu novamente acima do PIB, com alta trimestral de 6,4%. Conseqüentemente, as exportações líquidas voltaram a exercer contribuição negativa, a quarta consecutiva.

GRÁFICO 7
FBCF – componentes: evolução das taxas de variação acumuladas em quatro trimestres
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8
Poupança externa: evolução das taxas de investimento versus taxas de poupança interna
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

BOX 2

Crescimento interanual e acumulado no ano: contribuições pela ótica da despesa

- Na comparação interanual, a absorção doméstica adicionou 6,2 p.p. ao crescimento do PIB. No acumulado do ano, o valor ficou em 5,2 p.p.
- O consumo das famílias contribuiu positivamente com 2,3 p.p. no trimestre, isto é, a maior contribuição pelo lado da despesa. No ano, adicionou 3,0 p.p.
- Os investimentos em capital fixo adicionaram 1,5 p.p. no resultado interanual e 1,2 p.p. no ano.
- O componente variação de estoques também exerceu contribuição positiva para a taxa trimestral do PIB no quarto trimestre (2,1 p.p.). No ano, contribuiu com 0,6 p.p.
- Por fim, as exportações líquidas retiraram 2,6 p.p. do PIB no trimestre e 1,8 p.p. no ano.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

PIB pela ótica da despesa: contribuição para a taxa real de crescimento trimestral

(Em p.p.)

	2023				2024			
	T1	T2	T3	T4	T1	T2	T3	T4
PIB¹	1,0	1,3	0,7	0,2	2,6	3,3	4,0	3,6
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	3,4	1,8	-0,7	0,8	3,0	4,9	6,4	6,2
Demanda interna final	3,1	2,6	1,5	1,8	4,3	4,4	5,5	4,1
Consumo total	2,8	2,8	2,7	2,6	3,8	3,4	3,7	2,6
Consumo das famílias	2,5	1,9	2,1	1,7	3,0	3,2	3,5	2,3
Consumo do governo	0,3	0,9	0,6	0,9	0,8	0,2	0,2	0,2
FBCF	0,3	-0,3	-1,2	-0,8	0,5	0,9	1,8	1,5
Variação de estoques	0,3	-0,8	-2,1	-1,0	-1,2	0,5	0,9	2,1
Exportações líquidas de bens e serviços	1,1	2,1	3,0	1,6	-0,5	-1,5	-2,4	-2,6
Exportações	1,4	2,3	1,9	1,4	1,1	0,8	0,4	-0,1
Importações	0,3	0,2	-1,1	-0,2	1,6	2,3	2,8	2,5

Fonte: IBGE.

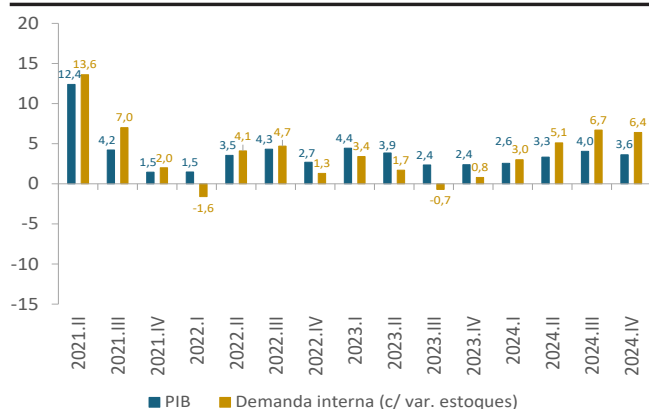
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

GRÁFICO 9

Taxas de crescimento: PIB versus demanda interna – taxa trimestral

(Em %)



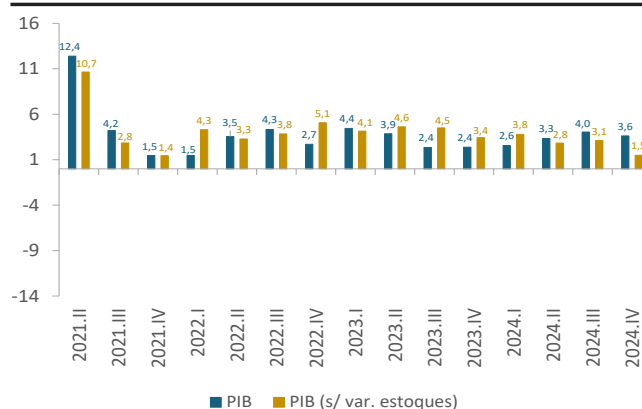
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10

Taxas de crescimento: PIB versus PIB sem estoques – taxa trimestral

(Em %)



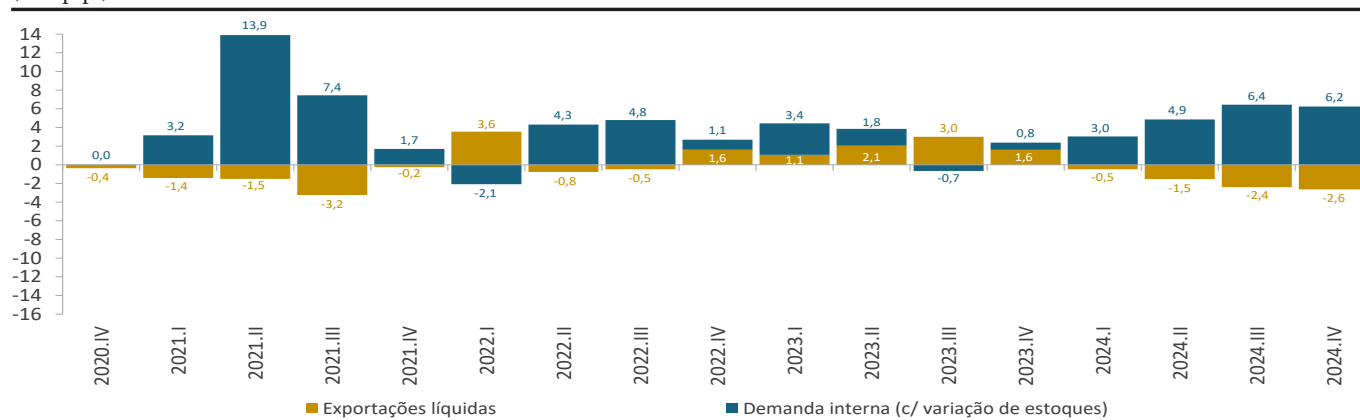
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11

Contribuição para a taxa real de crescimento trimestral do PIB: absorção doméstica *versus* exportações líquidas

(Em p.p.)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Debora Mesquita Pimentel
Felipe dos Santos Martins

Equipe de Assistentes:

Beatriz de Luna Barreto
Marcelo Guedes Pecly
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe Administrativa:

Aline Conceição Santos
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
